

O LABIRINTO LATINO-AMERICANO

OCTAVIO IANNI
Deptº de Ciências Sociais do IFCH

1. CAMINHOS DA OCIDENTALIZAÇÃO

A história da América Latina pode ser vista como um capítulo da história da ocidentalização do mundo. Inicia-se com o "descobrimento" do Novo Mundo, continuando pelos séculos afora, inclusive nos tempos atuais. Envolve a Europa, como matriz principal, periodicamente renovada ao longo de todo esse tempo. E envolve também os Estados Unidos, desde o século XIX, cada vez mais influente, presente. Aos poucos, este país passa a ser parte da matriz originária de ocidentalização, mas desenvolvendo principalmente algumas das suas facetas; ou aspectos exacerbados da influência européia. São múltiplas - umas vezes convergentes, outras contraditórias - as influências que europeus e norte-americanos exercem nas condições materiais e espirituais de vida e trabalho de latino-americanos. Mas tendem a operar no sentido da ocidentalidade, absorvendo, redefinindo ou mesmo anulando realidades e heranças indo, afro e também ibero americanas

Nesse vasto e complexo processo de ocidentalização, inserem-se cada uma e todas as sociedades da América Latina, compreendendo o continente e as ilhas. Nele envolvem-se elementos notáveis e bem conhecidos, que podem ser sintetizados em algumas noções: católi-

cismo, protestantismo, liberalismo, progresso, evolução, secularização, racionalização, modernização, representação, legitimidade, cidadania, democracia e outras.

Em todos os níveis da vida social, revelam-se os indícios e as realizações mais avançadas desse processo. Na economia, política e cultura, ainda que em forma desigual e contraditória, observam-se as mais diversas manifestações. É como se países latino-americanos estivessem emergindo, de modo lento ou abrupto, de situações de atraso, arcaísmo, anacronismo. Desde o primeiro momento, até ao presente, em fins do século XX, são muitos os indícios e as realizações desse vasto e complexo processo de ocidentalização: descobrimento, conquista, povoamento, escravismo, catequese, evangelização, colonização, entrepostos, feitorias, enclaves, capitânicas, vice-reinados, guerras e revoluções de independência, nativismos, nacionalismo, emancipação de escravos, proteção dos índios, liberalismo, evolução, progresso, subdesenvolvimento, industrialização, estagnação, retrocesso, populismo, militarismo, neo-liberalismo, social-democracia, socialismo. É claro que há indícios e realizações particularmente importantes no âmbito do pensamento: catolicismo, liberalismo, positivismo, evolucionismo, marxismo, fenomenologia, estruturalismo, neo-positivismo, filosofia linguística, marxismo ocidental, teoria crítica da sociedade e cultura. Sem esquecer as escolas e correntes no âmbito das artes: romantismo, naturalismo, realismo, simbolismo, surrealismo, realismo crítico, pós-modernidade. Em todos os níveis, em diferentes épocas, estão sempre em causa um ou vários aspectos desse vasto e complexo processo de ocidentalização.

É possível reler boa parte da produção intelectual latino-americana nessa perspectiva. Muitos são os que procuram indícios de ocidentalidade, lastimam sua precariedade, preconizam seus objetivos, assim como há os que questionam meios, modos e fins. De maneira explícita ou implícita, baseiam-se em temas e conceitos nos quais o modelo, arquétipo ou paradigma europeu - também em versão norte-americana - está compreendido.

Os indícios dessa atitude já estão presentes nos relatos dos primeiros viajantes e cronistas do descobrimento e da época colonial. A própria ilusão do "Paraiso", assim como a ambição do "El Dorado", inserem-se no universo utópico do Ocidente. Também os debates sobre a natureza virgem, a humanidade do índio o fundamento teológico e jurídico da escravatura do índio e africano, o caráter civilizatório da colonização, nesses e outros debates estão em causa as condições, possibilidades, interesses, óbices, prejuízos, etc. da ocidentalização.

Com a formação e os desenvolvimentos dos estados-nacionais, a partir dos inícios do século XIX, multiplicam-se os escritos sobre os mais diversos problemas sociais, políticos, econômicos, culturais, históricos. Em muitos continua o empenho no sentido de entender as condições, impasses, inconveniências, etc. da ocidentalidade em marcha na América Latina. Algumas obras são claras em suas preocupações: Facundo (Civilização e Barbárie) de Domingo F. Sarmiento, Ariel de José Enrique Rodó, Sete Ensaios de Interpretação da Realidade Peruana de José Carlos Mariátegui, Insularismo de Antonio S. Pedreira, O Pensamento Latino-Americano de Leopoldo Zea, Raça Cósmica de José de Vasconcelos, As Correntes Literárias na América Latina de Pedro Henriquez Ureña, Raízes do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda, O Laberinto da Solidão de Octavio Paz, A Pátria Criola de Severo Martínez Paláez, Caliban (Notas sobre a Cultura de Nossa América) de Roberto Fernandez Retamar, O País de Quatro Andares de José Luis González, O Século das Luzes de Alejo Carpentier, Eu O Supremo de Augusto Roa Bastos, Canto Geral de Pablo Neruda.

Uma parte da produção das ciências sociais latino-americanas, compreendendo também autores europeus e norte-americanos, está referida aos dilemas da ocidentalidade, quando não fascinada por eles. Lidam com idéias como as seguintes: capitalismo, subdesenvolvimento, desenvolvimento, industrialização, periferia, terceiro mundo, liberalismo, neo-liberalismo, social-democracia, socialismo, revolução, contra-revolução, modernização, racionalização, tirania, democracia, cidadania e outras. É o que se pode verificar em livros

como estes: A Democracia no México de Pablo Gonzalez Casanova, A Revolução Burguesa no Brasil de Florestan Fernandes, Classe, Estado e Nação no Perú de Julio Cotler, O Desenvolvimento do Capitalismo na América Latina de Augustin Cuevas, Idéia e Questão Nacional Latino-Americana de Ricauarte Soler, A Tradição Centralizadora na América Latina de Claudio Veliz, Esse Sol do Mundo Moral (Para uma História da Etnicidade Cubana) de Cintio Vitier, Estado e Política em Colombia de Francisco Leal Buitrago, Perfis da Revolução Sandinista de Carlos M. Vilas, Interpretação do Desenvolvimento Social Centro-Americano de Edelberto Torres Rivas, O Caribe Contemporâneo de Gerard Pierre-Chales, De Colombo a Castro (A História do Caribe) de Eric Williams.

Aliás, preocupações semelhantes encontram-se nos escritos de cientistas sociais europeus e norte-americanos: América Latina (Estruturas Sociais e Instituições Políticas) de Jacques Lambert, Palavra e Sangue (Política e Sociedade na América Latina) de Alain Tournaine, Dez Chaves para a América Latina de Frank Tannenbaum, A Sociedade Problema (Reação e Revolução na América Latina) de Kalman H. Silvert, O Espelho de Prospero de Richard M. Morse; além de muitos outros.

Nessa perspectiva, logo ficam evidentes as continuidades e os desencontros entre as produções de cientistas sociais latino-americanos e dos europeus e norte-americanos. A despeito das diferenças, no entanto, subsiste a impressão de que todos, cada um a seu modo, estão empenhados em compreender as condições, as possibilidades e os impasses da ocidentalização da América Latina.

Mas não faltam as avaliações céticas e pessimistas sobre o que tem ocorrido ao longo da história, desde que iniciou a invenção do Novo Mundo, Avaliam a história das lutas sociais, os projetos inovadores e inclusive as conquistas reais. Alguns desenvolvimentos sociais, políticos, econômicos e culturais demonstram possibilidades efetivas de modernização, legitimidade, democracia, cidadania. Entretanto, em todos os países em que essas experiências se efetivaram, às vezes mais de uma vez, houve e continua a haver retrocessos. O

golpe de Estado, a contra-revolução, a ditadura civil ou militar, as crises econômico-sociais têm anulado projetos e conquistas sociais, políticas, culturais e outras. Daí as avaliações pessimistas que atravessam produções científicas, filosóficas e artísticas. São manifestações relativas às limitações ou mesmo impossibilidades da ocidentalização, neste ou aquele sentido. Um exemplo recente é do romance de Gabriel García Márquez, intitulado O General no seu Labirinto. Uma espécie de réquiem pela América Latina.

"Era o fim. O general Simón José de la Santíssima Trinidad Bolívar y Palacios se ia para sempre. Havia arrebatado ao domínio espanhol um império cinco vezes mais vasto que as Europas, havia dirigido vinte anos de guerras para mantê-lo livre e unido, e o havia governado com pulso firme até a semana anterior, mas à hora de ir-se não levava nem sequer o consolo de que o acreditaram. (...)

"Não são espanhóis, mas a nossa própria desunião o que nos tem levado de novo à escravidão" disse. Falando da grandeza, recursos e talentos da América, repetiu várias vezes: "Somos um pequeno gênero humano". (...) A América é ingovernável, aquele que serve à revolução era no mar, este país cairá sem remédio em mãos da multidão desenfreada para depois passar a tiranetes quase imperceptíveis de todas as cores e raças"(1)

É como se as sociedades latino-americanas, cada uma a seu modo, estivessem empenhadas em tornar-se contemporâneas do seu tempo. Tanto quanto os europeus e norte-americanos constatarem e lastimam anacronismos, retrocessos e distorções, os próprios latino-americanos também o fazem, nos mesmos termos, com variações

(1) Gabriel García Márquez, El General en su Laberinto, Editorial Sudamericana, 5ª edição, Buenos Aires, 1989, pp. 44, 85 e 259.

locais. Tomando como referência o que ocorre na Europa e nos Estados Unidos, muitos afirmam e reafirmam a não contemporaneidade nesta ou aquela esfera da sociedade; ou no todo.

O que parecia o lugar do Paraíso, El Dorado, Terra Sem Males, aos poucos revelou-se um lugar problemático, surpreendente, caleidoscópico, insólito. O lugar em que os padrões e valores de cultura européia, nas versões originais ou norte-americanas, aparecem distorcidos, definhados. As dimensões e os ritmos da sociedade parecem deformados ou mesmo invertidos, contrariamente à ordem "natural" das coisas, idéias, realizações, responsabilidades, ambições. O catolicismo e o protestantismo mesclam-se com elementos indígenas e africanos. O liberalismo caminha com uma dose de corrupção que o debilita ou anula. As forças armadas realizam-se como tropas de ocupação. A democracia simplesmente floresce e fenece. A filosofia, a ciência e a arte aparecem como reflexos muitas vezes paródicos do que se imagina que se faz nas capitais do mundo.

Esse é o clima no qual o europeu se assusta com o que vê, com o que consegue entender. Apoiado em modelos que articulam o seu modo de pensar, observar, classificar e explicar, logo rejeita a realidade com a qual se defronta, já que ela não está conforme à idéia. E denuncia a ocidentalidade precária, distorcida, ou mesmo impossível.

"Não é difícil determinar a origem desse quid pro quo: como os Estados soberanos europeus têm sido nações, aqueles se consideram a si mesmos também como nações, sem outras averiguações. Não se dão conta de que a nação é uma forma muito precisa de unidade histórica, que nem sempre existiu, que não durará sempre; e sim que somente tem existido na Europa em forma adequada desde o século XVI, entrando em crise depois. E que é mais duvidoso que na América tenha havido ou chegue a existir "nações", se tomamos esta palavra a sério e

lhe atribuímos algum significado histórico preciso"(2).

Também o latino-americano se assusta com o que vê, com o que não consegue entender.

"Os caudilhos inventaram países que não eram viáveis, nem política nem economicamente, e que além disso, careciam de verdadeira fisionomia nacional. Contra as previsões de senso comum, têm subsistido graças ao acaso histórico e à cumplicidade entre as oligarquias locais, as ditaduras e o imperialismo. (...) Durante mais de um século a América Latina tem vivido entre a desordem e a tirania, a violência anárquica e o despotismo. (...) As constituições da América Latina são excelentes, mas foram pensadas para os nossos países. Em certa ocasião chamei-as "camisas de força"; devo acrescentar que uma ou outra vez essas "camisas" tem sido destroçadas por levantamentos populares. As desordens e as explosões têm sido a vingança das realidades latino-americanas, ou, como dizia Galdós: dos costumes, pertinazes e pesados como montanhas e explosivos como vulcões. O remédio brutal contra os estalidos tem sido as ditaduras. Remédio funesto, pois fatalmente provoca novas explosões"(3).

A realidade parece não conformar-se com as idéias, noções, conceitos. Não se conforma às coordenadas cartesianas, aos critérios do positivismo, pragmatismo, utilitarismo. Mesmo os ideais do liberalismo econômi-

(2) Julian Marias, Hispanoamérica, Alianza Editorial, Madrid, 1986, pp. 25-26.

(3) Octavio Paz, Tiempo Nublado, Sudamericana, Buenos Aires, 1986, pp. 169, 170 e 172.

cos revelam-se exteriores, deslocados. E os da democracia ainda mais. No vasto e intricado espelhismo em que se revela a América Latina, conceitos e ideais parecem extraviados.

2. DESENCONTRO DAS PALAVRAS E COISAS

A ocidentalização da América Latina não é um processo único, unilinear, homogêneo, tranquilo. Ao contrário, é múltiplo e contraditório, atravessado por avanços e recuos, reorientações e impasses. Parece um caleidoscópio de surpreendentes espelhismos.

As trajetórias do pensamento latino-americano revelam muito bem as conquistas e os desacertos de cada uma e todas as sociedades. Em seus diferentes grupos e classes sociais, essas sociedades revelam o empenho de inovar, criar. Ao lado do esforço no sentido de conhecer e assinalar o que se produz em diferentes partes do mundo, principalmente nos países europeus e nos Estados Unidos, uns e outros empenham-se em formular novas idéias, teorias, doutrinas.

Em uma fórmula breve, pode-se dizer que a cultura latino-americana está marcada por três tendências mais ou menos nítidas: colonialismo, nacionalismo, cosmopolitismo. As sugestões que Mariátegui fez para a literatura, podem ser indicativas também para outros setores da produção cultural, nas artes, ciências sociais e filosofia. E implicam no diálogo com os centros culturais dominantes.

"Uma teoria moderna - literária, não sociológica - sobre o processo normal da literatura de um povo distingue nele três períodos: um período colonial, um período cosmopolita, um período nacional. Durante o primeiro período um povo, literalmente, não é senão uma colônia, uma dependência de outro. Durante o segundo período, assimila simultaneamente elementos de diversas literaturas estrangeiras. No terceiro, alcança uma expressão bem modu-

lada, sua própria personalidade e seu próprio sentimento" (4)

Em vários níveis, essas tendências tanto se distinguem como mesclam-se.

Esse é o ambiente mais ou menos geral em que se manifestam características muitas típicas do pensamento latino-americano, na filosofia, ciências e artes: ecletismo e exotismo. No contínuo e reiterado esforço no sentido de criar, afirmar identidades, ressaltar originalidades, subsistem essas duas características. Em boa medida, muito da cultura latino-americana carrega essas conotações: ecletismo e/ou exotismo.

"O cubismo começa a ser entendido na América quando já se cumpriu a sua trajetória na Europa; o surrealismo é imitado na América, quando, em sua fonte original, encontra-se em processo de desintegração" (5).

Mas esse estranho "estilo" de pensar, criar, produzir, é bastante instrumentalizado. Os mais diversos ingredientes podem constituir-se no discurso sobre realidades, atividades.

"Se considerarmos o sentido das idéias no Brasil - verificaremos que elas constituem como que instrumentos de ação, principalmente de ação social e política. A filosofia, em boa parte, esteve, no Brasil, a serviço dessa ação... O positivismo, o spencerismo e

(4) José Carlos Mariátegui, 7 Ensayos de Interpretación de la Realidad Peruana, Editora Amauta, Lima, 1965, p.207; citação do ensaio "El proceso de la Literatura".

(5) Alejo Carpentier, Ensayos, Editorial Letras Cubanas, La Habana, 1984, p. 20; citação extraída de "Problemática de la Actual Novela Latinoamericana".

evolucionismo corresponderam e serviram a esta situação"(6).

É nesse âmbito bem geral que têm florescido algumas criações do pensamento latino-americano. São inovações que merecem registro. Revelam o empenho de inovar, pensando de modo original problemas que parecem ainda não codificados. É o caso de correntes de pensamento tais como as seguintes: cepalismo, teoria da dependência, teologia da libertação, pedagogia do oprimido, sociologia da revolução, realismo mágico e outras.

A rigor, no empenho de buscar a contemporaneidade, de ser contemporâneo do seu tempo, o pensamento latino-americano revela, também, um contínuo ou periódico desencontro com a realidade. A força ou fascínio das idéias, noções, conceitos, teorias e doutrinas buscadas na Europa e Estados Unidos faz com que esse pensamento se veja, periódica ou continuamente, desencontrado do que são as relações, os processos e as estruturas que constituem a realidade. Por isso é que nele perdura é que nele perdura a impressão de que a realidade é e não é; refere-se e não se refere à realidade latino-americana. É como se houvesse um hiato entre a realidade e a reflexão, o pensamento e o pensado. Por isso subsiste a impressão de que a América Latina, como um todo e em suas sociedades nacionais, parece uma realidade em busca de conceito.

"Os hispano-americanos estamos claramente neste caso de um existir inautêntico: vivemos desde um ser pretendido, temos a pretensão de ser algo distinto do que somos e do que poderíamos talvez ser; ou seja, vivemos alienados quanto à própria realidade, que se oferece

(6) João Cruz Costa, Contribuição à História das Idéias no Brasil (O desenvolvimento da filosofia no Brasil e a evolução histórica nacional), Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1956, p. 439.

como instância defeituosa, com múltiplas limitações, sem integração e, portanto, sem vigor espiritual. Por isso em nossas comunidades prevalecem a mistificação e a ficção. Muitas instituições - seguramente todas as que têm forte ressonância social - possuem signo distinto do que declaram; e a maioria das idéias adquirem comumente um sentido estranho e até oposto ao significado original que oficialmente se lhe reconhece"(7)

O desencontro entre o pensamento e a realidade faz lembrar o começo da história. No princípio, os conquistadores não sabiam o nome das coisas. Acreditavam que elas ainda não tinham nomes. Aos poucos, foram nomeando. E aprendendo com os aborígenes os que estes já lhes haviam dado. Sentiram que alguns dos nomes eram expressivos, precisos, nítidos. Reconheceram as expressões, articulações e significações presentes na cultura do taino, azteca, maia, ayamara, quetchua, guarani, tupi, araucano e outras. Aos poucos, introduziram-se também os nomes africanos, trazidos ou inventados pelos escravos. E eles formularam-se os europeus, de diferentes nacionalidades. Foi assim que as coisas na América Latina ganharam nomes. Como se fosse uma paródia da Torre de Babel.

"O mundo era tão recente que muitas coisas careciam de nome, e para mencioná-las havia que indicá-las com o dedo"(8).

Os desencontros entre os nomes e as coisas está na origem e no largo da história do pensamento latino-americano. O que estava no princípio parece alegoria

(7) Augusto Salazar Bondy, Existe una Filosofía de Nuestra América? Siglo Veintiuno Editores, Mexico, 1968, p. 117

(8) Gabriel García Márquez, Cien Años de Soledad, Editorial Sudamericana, Buenos Aires, 1969, 14ª. edição, p. 9.

de toda história Nos tempos coloniais e nos tempos dos estados nacionais, no passado como nos fins do século XX, as sociedades latino-americanas um tanto desorientadas diante dos desencontros entre as palavras e as coisas, o ser e a representação, o signo e o significado.

"Eu te ensinarei a difícil arte da ciência da escritura, que não é como crês, a arte da floração dos traços, mas da defloração dos signos. Escrever não significa converter o real em palavras, mas fazer com que a palavra seja real. O irreal está no mau uso da palavra, no mau uso da escritura"⁽⁹⁾.

Aos poucos, esse mundo inocente de conceitos recobre-se de palavras, nomes, conceitos, significados. A realidade inominada articula-se e movimenta-se em um labirinto de possibilidades e impasses.

3 - MESCLA DE FASCÍNIO E ESPANTO

A realidade latino-americana pode também ser vista como uma dimensão, secundária ou importante, positiva ou indesejada, da realidade européia e norte-americana. Na medida em que a América Latina é ocidental, ocidentalizada ou em processo de ocidentalização, pode revelar dimensões do que é o Ocidente. Nela alguns aspectos da realidade econômica, política, cultural deste podem revelar-se de modo particularmente acentuado, ou ainda extremo. O modo de ser da Europa e dos Estados Unidos, em suas virtudes e realizações, falhas e deformações, ideais e práticas, ideologias e utopias, podem manifestar-se mais nítidas ali.

(9) Augusto Roa Bastos, Yo El Supremo, 8ª edição, Siglo Veintiuno Editores, 1978, pp. 66 e 67.

Em vários níveis isso pode ser observado Na vida política e econômica, as desigualdades, as práticas de violência e as formas de corrupção podem revelar-se de forma particularmente acentuada nas sociedades latino-americanas. Algo que ocorre de maneira diferente, talvez moderada talvez mais encoberta na Europa e nos Estados Unidos, nos países latino-americanos manifestam-se à luz do dia

Não se pode dizer que alguns setores políticos, econômicos e militares dominantes nos Estados Unidos invejem o estilo e a escala de corrupção que se verifica em alguns países latino-americanos, Mas é possível afirmar que eles lidam com os grupos dominantes latino-americanos tomando a corrupção como um dado, fato irreversível, natural, naturalizado. Resignam-se à exigências da realidade. Aos poucos, mostram-se beneficiários e cúmplices. Lidam com o estilo latino-americano de fazer negócios, tomar decisões, pensar, dizer, dissociar o que se diz do que faz, tudo isso com habilidade, diplomacia, sensibilidade Adotam, por cortesia e interesse, os mesmos procedimentos. São beneficiários e cúmplices de uma ordem de coisas que preserva e recria periodicamente a tirania Uma tirania simultaneamente social, política, econômica e cultural, pesando sobre amplos setores da sociedade, principalmente trabalhadores do campo e da cidade, nos quais se incluem índios, mestiços, negros, mulatos e brancos de diversas procedências.

Negócios são negócios. Às vezes podem ser também divertidos, além de lucrativos. E revelam laços pouco conhecidos das relações que garantam os vais-e-vens da ocidentalização

"O monumento ao general Francisco Morazón, erigido na Praça Maior de Tegucigalpa, é na realidade uma estatua do marechal Ney, comprada em Londres em um depósito de esculturas usadas" (10)

(10) Gabriel García Márquez, "La Soledad de América Latina", Prisma, nº 125, La Habana, 1983, p. 41.

É nesse mesmo clima que os países dominantes são levados a controlar ou "sanear" as situações muito problemáticas em países latino-americanos. Há problemas sociais, econômicos, políticos e culturais, com os quais se defrontam sociedades latino-americanas, que provocam atividades de controle ou saneamento por parte de agências governamentais e privadas européias e norte-americanas. E assim dinamizam-se os mecanismos destinados a modernizar práticas e idéias.

"Uma das formas assumidas pela mudança social na América Latina é a seguinte: mudança de concepção na Europa, sua transferência para a América Latina e a readaptação pelos intelectuais locais, tradução das idéias e termos políticos, mudanças nas instituições políticas e, em seguida, um intento político de impor na prática determinadas diretrizes de ação econômica e social" (11)

Em nações latino-americanas, como se fosse um lugar imaginário, europeus e norte-americanos podem localizar algumas das suas características pouco aceitáveis, indesejadas, desprezíveis, mas indispensáveis. Certas dimensões da sociedade, cultura, economia e política européias e norte-americanas parecem desenvolver apenas nos "trópicos"; como se não tivessem qualquer vínculo com os processos e as estruturas de dominação e apropriação que entrelaçam Europa, Estados Unidos e América Latina. Mas podem ser tomadas como algo que lembra a parte submersa do iceberg, a esfera indesejada do mesmo ser.

Provavelmente é também daí que nasce uma das motivações dos viajantes e cronistas de todos os tempos. Quero dizer cientistas sociais oriundos de vários paí-

(11) Kalman Silvert, La Sociedad Problema (Reacción y Revolución en América Latina), trad. de Noemi Reemblat, Editorial Paidós, Buenos Aires, 1962, p. 29.

ses, com distintas orientações teóricas. São latino-americanistas, dedicados à América Latina como um todo ou a algum dos seus países. Aliás, há cientistas sociais da própria América Latina, também em distintas orientações teóricas, que parecem latino-americanistas nativos, residentes. Há neles ao mesmo tempo, compreensão e condenação, fascínio e rejeição. Uns são explícitos em suas ambiguidades; outros nem tanto.

Há relatos, crônicas, memórias, monografias, ensaios, relatórios, diagnósticos e prognósticos sobre problemas maiores e menores das sociedades latino-americanas que indicam esse estado de espírito. Uns são abertamente solidários, compreensivos. Outros são, ao mesmo tempo, críticos, cooperativos, construtivos. E há aqueles que simplesmente não concordam com a realidade, como se ela não estivesse conforme a idéia, o conceito. Imbuídos de "arquetipos", calvinistas, modernizantes, racionais, pragmáticos, etc., dedicam-se a exorcizar os desvios, regressões, deformações de realidade. Todos deixam transparecer certa mescla de fascínio e horror. Mas pode predominar o horror; ou fascínio.

"Há dois séculos um espelho norte-americano tem sido mostrado agressivamente ao Sul, com conseqüências inquietantes. Talvez seja hora de virar esse espelho. Num momento em que a Anglo-América experimenta uma crise de autoconfiança, parece oportuno confrontar-lhe a experiência histórica da Ibero-América, não mais como estudo de um caso de desenvolvimento frustrado, mas como a vivência de uma opção cultural. (...) Nossa argumentação sustenta... não que o mundo ibérico seja obsoleto, mas que a partir do século XVI, mesmo comparilhando antecedentes gregos, romanos, cristãos e medievais com o resto do Ocidente, tomou caminho que impede um desenlace do tipo nietzscheano, weberiano ou kafkiano. O resto do Ocidente ataca a Ibero-América mas apenas quebra as vidraças, nas portas. A Ibero-América tem sua própria cultura, que em realida-

de é mais profundamente ocidental que a dos países do norte. (...) Na Ibero-América o processo mental ainda goza de boa saúde, respondendo, ou pelo menos tentando responder - devido ao estilo improvisado e às iluminações excêntricas que a condição moderna nos oferece - ao persistente desafio de fornecer uma patologia sistêmica e visões alternativas. Poderíamos falar de um contínuo gosto ibero-americano "pelos formas lúdicas em filosofia", que Huizinga considerava fundamentais para a realização intelectual do Ocidente" (12).

Sob certos aspectos, para europeus e norte-americanos, a América Latina aparece como o espaço em que o proibido se torna permitido. Aí as normas, regras ou diretrizes que predominam na Europa e nos Estados Unidos parecem mais frouxas, flexíveis. As coordenadas cartesianas e as diretrizes positivistas, pragmáticas ou utilitárias dão a impressão de ser pouco visíveis, inexistentes e também impróprias. Isso naturalmente surpreende e aflige a mente racional, disciplinada, ascética, calvinista. Mas no instante seguinte, depois de passada a surpresa e a aflicção, começa a interessar, pode ser oportuno aproveitar. No mesmo processo, instala-se a curiosidade e o interesse. O estranho caleidoscópio de espelismos - euro, íbero, indo e afro americanos - logo se revela conveniente; e até mesmo fascinante.

Em fins do século XX, continua em marcha um processo de ocidentalização que se iniciou com o "desco-

(12) Richard M. Morse, El Espejo de Próspero (Un Estudio de la Dialéctica del Nuevo Mundo), trad. de Stella Mastrangelo, Siglo Veintiuno Editores, México, 1982, pp. 7 - 8, 169 e 202 - 203. Na tradução brasileira: O Espelho de Próspero (Cultura e Idéias nas Américas), trad. de Paulo Neves, Companhia das Letras, São Paulo, 1988, pp. 13 - 14, 127 - 128 e 152

brimento" do Novo Mundo, quando os conquistadores perguntavam aos aborígenes pelo "Paraíso", "El Dorado". Quando Shakespeare imaginou A Tempestade, aí se defrontaram: Próspero, a própria Europa envolvida nas façanhas da europeização de terras e povos do outro mundo; Ariel, o intelectual articulando os acontecimentos, o visível e o invisível, o dito e a desdita; e Calibã, o selvagem, bárbaro, outro, desconhecido, não-civilizado, a ser catequizado, começando a metamorfose do canibal. Uma alegoria sobre a invenção do Novo Mundo, na qual a Europa já projeta algumas das suas faces, dos seus modos de ser. Mas nesse mesmo momento Calibã começa a tornar-se um desafio. Reconhece que Próspero e Ariel lhe ensinaram sua linguagem; e meio que agradece, dizendo que assim ficou "sabendo como amaldiçoar". Em outro momento, Próspero já se mostra preocupado: "Precisamos, espírito, estar prontos para que Calibã não nos surpreenda".

Há facetas da ocidentalização que preocupam ou mesmo afligem alguns setores sociais na Europa e Estados Unidos. Uma parte dessas preocupações e aflições relaciona-se ao uso indevido, inverso, surpreendente, de idéias e práticas, ciências e artes, ideologias e utopias.

Sob vários aspectos, a América Latina pode ser vista como uma face do modo de ser do Ocidente, sem a qual este pareceria mutilado.

4. ECLETISMO E EXOTISMO

Muito do que se produz na América Latina leva consigo as marcas da combinação de idéias, temas e linguagens. Estas são correntes de pensamento que se apresentam, em geral, com ingredientes estranhos, alheios, ainda que o núcleo possa ser original: catolicismo, protestantismo, liberalismo, evolucionismo, positivismo, marxismo, estruturalismo e outras. Na filosofia, ciências e artes, tanto os textos teóricos e metodológicos como as produções originais, parecem carregar consigo certa dose de ecletismo. Parece uma das marcas do modo de ser latino-americano.

Entretanto, é possível afirmar que o ecletismo não é apenas paráfrase, paródia, caricatura. É produto inevitável do cosmopolitismo, da pluralidade dos diálogos, que o pensamento latino-americano naturalmente mantém com as culturas "dominantes" europeias e norte-americana. Ele se insere com frequência na interlocução múltipla, por meio da qual o latino-americano busca tomar conhecimento, absorver criticamente ou não e construir uma visão própria. Visão às vezes não contemporânea, temporã.

Mas também ocorrem combinações originais, inventivas, insólitas, que podem revelar virtudes e lacunas do pensamento europeu e norte-americano. O positivismo de Auguste Comte transforma-se em "realidade" política nas ditaduras de Porfirio Diaz, no México, ao longo dos anos 1876 - 1911, e de Floriano Peixoto, no Brasil, em 1891 - 1894. O lema da bandeira brasileira, "Ordem e Progresso", pode revelar ao menos um pouco do caráter contra-revolucionário do positivismo de Comte.

Além disso, o ecletismo pode ser uma forma de carnavalização do outro. Consciente ou inconscientemente, a paródia permite carnavalizar o pensamento do outro, introduzindo-se aí um ingrediente crítico, satírico, pagão. É como se uma insólita "epistemologia" estivesse abrindo caminho por dentro da interlocução polifônica que o filósofo, cientista ou artista mantém com a Europa e os Estados Unidos.

Outro problema sempre presente diz respeito ao exotismo. O elemento exótico, estrangeiro, extravagante, desageitado, fora de ótica, fora do lugar, bovarista, é também frequente no pensamento latino-americano. Em todos os setores da vida cultural, em diferentes ambientes sociais, mas principalmente das classes médias e dominantes, esse elemento está presente. Nos últimos tempos ele se generaliza ainda mais, devido aos recursos da imprensa, cinema, rádio, televisão, vídeo, informática e outros, no âmbito da indústria cultural. Uma indústria de alcance internacional atingindo amplamente os setores populares da "aldeia global".

Mas no campo da filosofia, ciências e artes, o exotismo é um aspecto frequente. A mesma necessidade

que leva à interlocução múltipla, à pluralidade de idiomas e formas de pensamento, ao ecletismo, leva também ao exotismo. O exotismo seria um ingrediente inevitável da interlocução múltipla que o intelectual e artista latino-americanos mantêm com as correntes de pensamento e as ondas artísticas da Europa e dos Estados Unidos.

Às vezes o exotismo adquire conotações caricatas, pelas paráfrases que realiza, pela não-contemporaneidade de idéias, temas e linguagens. Outras vezes ele acentua ainda mais o desencontro entre o pensamento e o pensado.

O bovarismo está sempre à espreita, quando não dentro da realidade, transfigurando-a

"Os mexicanos empenharam-se, através de longos anos de guerra fratricida, em assemelhar-se aos grandes modelos de nações que por sua história e realidade, eram alheios a nós nesses momentos. Um exemplo deste bovarismo tem sido a inútil adoção de sistemas e leis estranhos à realidade mexicana. Os povos latino-americanos - diz Caso... "não se organizaram politicamente levando às suas instituições oficiais escritas atributos próprios da realidade nacional, refletindo nos preceitos de suas leis as necessidades peculiares a cada sociedade". Os latino-americanos só nos temos conformado com leis e preceitos que nasceram em outros povos, das necessidades que lhes eram próprias"(13)

Há sempre algo de exótico, não só no que se refere à relação da idéia com a realidade, a própria realidade acaba parecendo deslocada, insatisfatória, incapaz de expressar a idéia

"Trazendo de países distantes nossas formas

(13) Leopoldo Zea, Dependencia y Liberación en la Cultura Latinoamericana, Editorial Joaquín Mortiz, México, 1974, pp. 79-80.

de convívio, nossas instituições, nossas idéias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra. Podemos construir obras exelentes, enriquecer nossa humanidade de aspectos novos e imprevisitos, elevar à perfeição o tipo de civilização que representamos: o certo é que todo fruto de nosso trabalho ou de nossa preguiça parece participar de um sistema de evolução próprio de outro clima e de outra paisagem" (14).

Um exotismo eclético caleidoscópico paródico.

"Pois não contentes de terem aprendido de França, as sutilezas e passes da galanteria à Luis XV, as donas paulistanas importam das regiões mais inóspitas o que lhes acrescenta ao sabor, tais como pézinhos nipônicos, rubis da Índia, desenvolturas norteamericanas; e muitas outras sabedorias e tesoiros internacionais" (15).

Mas esse exotismo não é sempre inócua, inocente ou equívoco. Ao contrário, às vezes pode ser importante para esclarecer aspectos e criações do pensamento latino-americano. O descolamento entre a idéia de realidade, o pensamento e o pensado, nem sempre é tão geral como sugere o conceito. Em certos casos, há segmentos da realidade social latino-americana que se articulam no conceito emprestado, na idéia produzida noutro lugar. O conceito, a idéia ou a interpretação pode estar fora do lugar, no sentido de que não corresponde ple-

(14) Sérgio Buarque de Holanda, Raízes do Brasil, 3ª edição, Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1956, p. 15.

(15) Mario de Andrade, Macunaima, Livraria Martins Editora, São Paulo, 1944, p. 98; citação extraída do cap. IX, "Carta prás Ica-miabas".

namente à realidade adotiva. São evidentes e chocantes as diferenças, os desencontros. Mas ao mesmo tempo, pode haver segmentos da realidade, compreendendo relações, processos e estruturas, ou indivíduos, grupos sociais, classes sociais e instituições, que ressoem a idéia, o conceito, a interpretação. Além de que, em certos casos, esses segmentos podem ser os elos sem os quais as articulações da sociedade, deste ou aquele país latino-americano, não se situa nem se integra no "concerto das nações civilizadas", ou na "civilização ocidental e cristã". As idéias emprestadas tanto servem para a inteligência dos problemas que os setores dominantes são obrigados a equacionar como para legitimar o peso da dominação sobre os trabalhadores, a massa ou, simplesmente, os nativos.

São intrincadas e muitas vezes de grande eficácia as idéias exóticas, emprestadas

"Adotadas as idéias e razões européias, elas podiam servir e muitas vezes serviram de justificação, nominalmente "objetiva", para o momento de arbitrio." (16)

Parece que as idéias e razões se recriam fora do lugar.

"Quando o pensamento brasileiro "importa" uma ideologia universal, isto é prova de que determinada classe ou camada social de nosso país encontrou (ou julgou encontrar) nessa ideologia a expressão de seus próprios interesses brasileiros de classe" (17)

(16) Roberto Schwarz, Do vencedor as Batatas, Livraria Duas Cidades, São Paulo, 1977, p. 17; citação do cap. I, "As idéias Fora do Lugar".

(17) Carlos Nelson Coutinho, A Democracia como Valor Universal, Editora Ciências Humanas, São Paulo, 1980, p. 68; citação do cap. III, "Cultura e Democracia no Brasil".

5 - PERSPECTIVA MÚLTIPLA

As sociedades latino-americanas desenvolveram e continuam a desenvolver respostas originais à ocidentalização. Ao lado dos impasses e das distorções, verificam-se novidades, criações. Nos mais diversos campos de atividade, encontram-se contribuições de interesse, ou mesmo fundamentais. São também expressões da ocidentalização.

Se tomarmos em conta as diversas características e contribuições da cultura latino-americana, em suas especificidades nacionais e segundo as condições de vida e trabalho de uns e outros, logo deparamos com um horizonte bastante diversificado, provocativo. Vale a pena relacionar aqui alguns temas, nos quais se evidenciam pesquisas, debates e contribuições: realismo mágico, barroco latino-americano, teologia da libertação, pedagogia do oprimido, sociologia do desenvolvimento, teoria da dependência, sociologia da revolução, ecletismo, exotismo. São distintas criações e peculiares do modo de ser e do pensamento latino-americanos, compreendendo produções artísticas, no âmbito das ciências sociais e no campo da filosofia.

Vistas assim, em conjunto, misturadas, as contribuições e peculiaridades revelam-se os ingredientes de um amplo e intricado caleidoscópio. Um caleidoscópio no qual os espelhismos mesclam diferentes formas de vida e trabalho, diversos patrimônios culturais, distintas combinações entre passado e presente. Aí estão as influências européias, ibéricas e norte-americanas, combinadas com as indígenas e africanas. Daí a impressão de labirinto. Um labirinto no qual sobressaem produções culturais e formas de pensamento originais, desconhecidas, algumas das quais parecem enriquecer outras produções culturais e formas de pensamento.

Ocorre que o ecletismo e o exotismo implicam em certa multiplicidade de contatos com diferentes nações, culturas, formas do pensamento, visões de mundo. O intercâmbio de idéias e práticas, temas e linguagens, escolas e invenções, no âmbito das artes, ciências e filosofia, permite multiplicar perspectivas,

abrir horizontes. O processo de produção e reprodução da auto-consciência de uns e outros, compreendendo indivíduos, grupos sociais, classes, movimentos, partidos e também sociedades nacionais, esse processo desenvolve-se e aprimora-se no contraponto dos diversos, diferentes, heterogêneos, contraditórios.

"Assim como o conhecimento de si mesmo se alcança através dos outros (através de seus afetos ou seus ódios, de sua aceitação ou de seu repúdio), assim também as essências nacionais vão sendo adquiridas em um complexo de incursões por terras estrangeiras. (...) Portanto, estejamos tranquilos: não há nada na história que seja estritamente original nem completamente autônomo" (18)

O en-si, a identidade, o ser que basta a si mesmo, são apenas formas episódicas ou imaginárias; caso contrário, são formas de solidão.

Esse o horizonte no qual se situam alguns autores latino-americanos, cujas produções inserem-se na cultura e pensamento europeus e norte-americanos; ou mais propriamente universais. Em vários ambientes artísticos, científicos e, às vezes, também filosóficos, dos países "dominantes", há temas, linguagens, elaborações, inovações e originalidades latino-americanas que recriam e enriquecem os horizontes da cultura, do pensamento. Na Europa e nos Estados Unidos, há dilemas e possibilidades, em vários níveis da cultura, das formas de pensamento, que suscitam contribuições latino-americanas; assim como de outras partes do mundo. Esse é o caso por exemplo, do realismo mágico e do barroco, como estilos.

(18) Ernesto Sabato, La Cultura en la Encrucijada Nacional, Editorial Sudamericana, Buenos Aires, 1976, pp. 14 e 20

Há escritores, artistas, cientistas sociais e, em certos casos, também filósofos, que podem ser colocados nessa perspectiva. Combinam contribuições européias e, inclusive, norte-americanas, com as originalidades dos países e regiões latino-americanos. Aproveitam as sugestões de origem indo, afro, ibero e euro americanas. Impregnam-se dos mais diversos e "contraditórios" elementos e produzem novos temas, linguagens, dicções, explicações, fabulações. A matéria de criação oferecida pela realidade latino-americana, na qual sobressaem o ecletismo, o exorcismo e a não contemporaneidade, desafia e enriquece a reflexão e a imaginação.

"Nossa apreciação do barroco americano estará destinada a precisar: primeiro há uma tensão no barroco; segundo, um plutonismo (fogo originário que rompe os fragmentos e os unifica); terceiro, não é um estilo degenerescente, mas plenário, que na Espanha e na América Espanhola representa aquisições de linguagem, talvez únicas no mundo, móveis para vivenda, formas de vida e de curiosidade, misticismo que se prende a novos módulos para a prece, maneiras de saborear e de tratar os manjares, que exalam um viver completo, refinado e misterioso, teocrático e ensimesmado, errante na forma e arraigadíssimo nas suas essências... Podemos dizer que entre nós o barroco foi uma arte da reconquista... O primeiro americano que vai surgindo dominador de seus caudais é o nosso senhor barroco" (19).

São vários escritores, artistas e cientistas sociais que se inserem nos horizontes da cultura e pensamento mundiais. São considerados inovadores ou originais, pelos temas, linguagens, dicções, explicações, fabula-

(19) José Lezama Lima, La Expresión Americana, Editorial Alianza, Madrid, 1969, pp. 46 - 47; citação de "La Curiosidad Barroca". Na tradução brasileira: A Expressão Americana, trad. de Irleamar Chiampi, Editora Brasiliense, São Paulo, 1988, pp. 79 - 80.

ções: Jorge Luis Borges, Juan Rulfo, Lezama Lima, Alejo Carpentier, José Donoso, Gabriel García Márquez, Pablo Neruda, César Vallejo, Guayasamin, Rivera, Oroszco, Siqueiros, Castagnino, Portinari, Villa Lobos, Mariátequi, Otávio Paz. Também poderiam mencionar-se Inca Garcilaso de la Vega, Sor Juana Ines de la Cruz, Antonio Vieira, Aleijadino e outros. Nos vários setores da cultura e pensamento, há produções latino-americanas que se universalizam. Respondem ao contraponto de perspectivas, multiplicam horizontes

Nesses termos é que a cultura e o pensamento latino-americanos assimilam, parodiam, recriam ou ampliam idéias, conceitos, interpretações, teorias, provenientes de "matrizes" do Ocidente. É assim que eles se tornam expressões simultaneamente autênticas e paródicas da ocidentalidade

De acordo com Borges, em países da América Latina há possibilidades de independência e pluralidade do pensamento que outros países podem desconhecer. A interlocução múltipla pode abrir novos horizontes à cultura, ao pensamento.

"Creio que nossa tradição é toda a cultura ocidental, e creio também que temos direito a esta tradição, maior do que podem ter os habitantes de uma ou outra nação ocidental. Creio que os argentinos, os sulamericanos em geral... podemos manejar todos os temas europeus, manejá-los sem superstições, com uma irreverência que pode ter, e já tem, consequências afortunadas" (20)

"É que somos parte da cultura ocidental. Mas apesar de nosso isolamento, apesar de que estamos falando no cone sul da América, temos uma vantagem sobre outras nações desta mesma cultura... A vantagem que temos, talvez, sobre outros países, é que não devemos lealdade

(20) Jorge Luis Borges, Discusión, Alianza Editorial, Madrid, 1976, pp. 135 - 136; citação de "El Escritor Argentino y la Tradición".

particular a nenhum desses países separadamente. Quero dizer que podemos sentir-nos herdeiros de toda cultura ocidental e do que podemos naturalmente captar da cultura ocidental" (21).

Esse é o contexto em que emergem "as consequências afortunadas", as invenções surpreendentes, das quais o próprio Borges é uma alta expressão.

"É possível dizer que Jorge Luis Borges representa o primeiro caso de incontestável influência original, exercida de maneira ampla e reconhecida sobre os países-fontes através de um modo novo de conceber a escrita" (22).

A interlocução múltipla abre outras possibilidades de "desvios da norma" e invenção. A irreverência e a carnavalização podem emergir por dentro e por fora dos cânones ou paradigmas às vezes demasiadamente codificados.

"A América Latina institui seu lugar no mapa da civilização ocidental graças ao movimento de desvio da norma, ativo e destruidor, que transfigura os elementos feitos e imutáveis que os europeus exportavam para o Novo Mundo" (23).

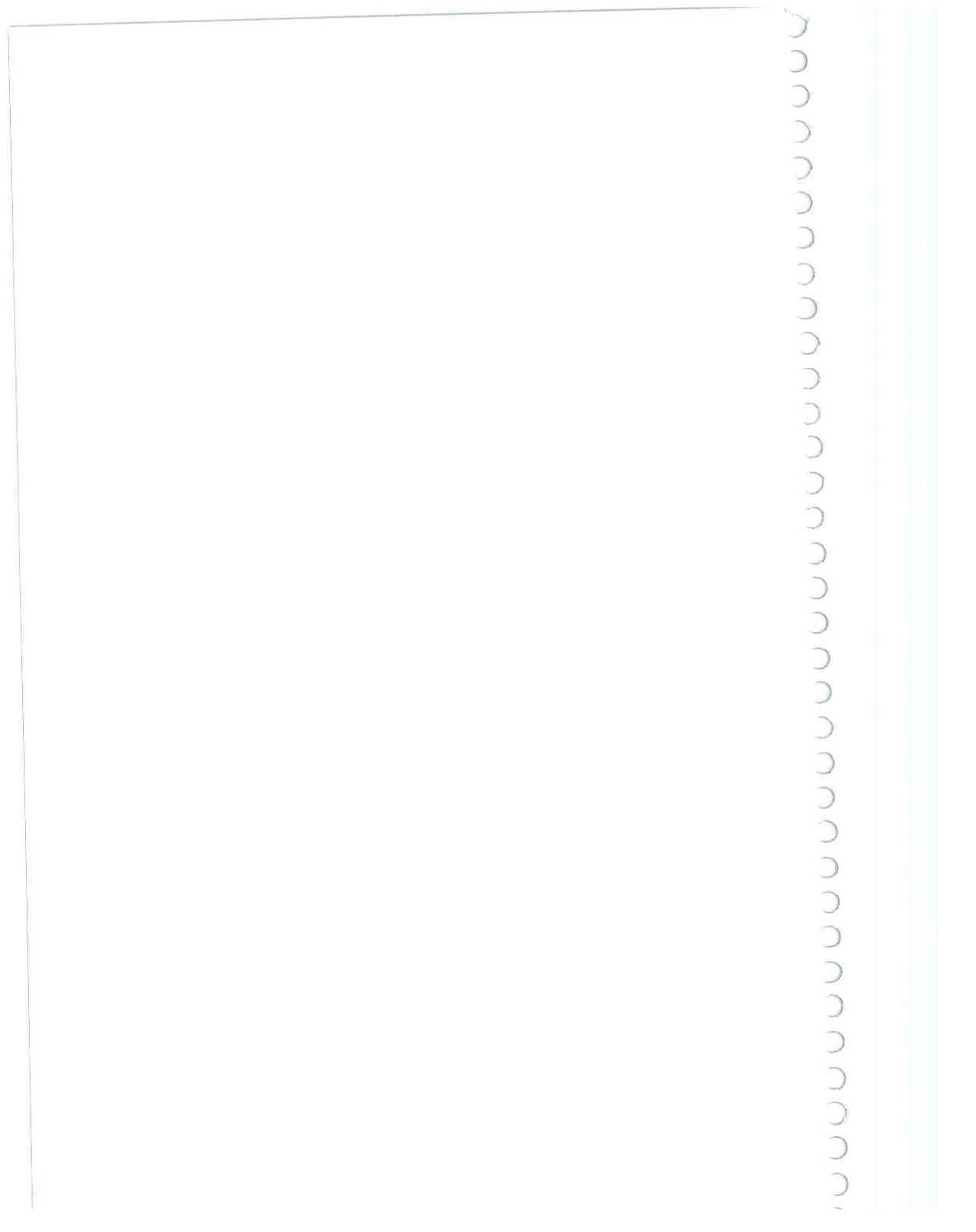
(21) Jorge Luis Borges, em entrevista publicada por Rosalba Campra, América Latina: La Identidad y la Máscara, Siglo Veintiuno Editores, México, 1987, pp. 125 - 134; citação das pp. 126 - 127

(22) Antonio Cândido, A Educação pela Noite e Outros Ensaios, Editora Ática, São Paulo, 1987, p. 153; citação do cap. 9, "Literatura e Subdesenvolvimento".

(23) Silviano Santiago, Uma Literatura nos Trópicos, (Ensaio sobre Dependência Cultural), Editora Perspectiva, São Paulo, 1978, p. 18; citação do cap. 1, "O Entre-Lugar do Discurso Latino-Americano".

São importantes as possibilidades que se abrem com a pluralidade de interlocução. Multiplicam-se as perspectivas de reflexão e criação. A auto-consciência pode desenvolver-se, na medida em que os interlocutores são vários, diferentes, divergentes. Mesmo quando alguns detêm posições privilegiadas, dominantes ou hegemônicas.

Mas não há dúvida de que na América Latina persiste a impressão de um emaranhado de heranças e influências, impasses e possibilidades, diversidades e espe-
lhismos. Há sempre algo de eclético, exótico e não-contemporâneo na cultura, nas formas de pensamento e nos modos de ser. Subsiste a impressão de que a realidade, em cada lugar, continua em busca de conceito.



NOME: _____

NAME: _____

ENDEREÇO: _____

Address: _____

RECEBEMOS: _____

We have received: _____

FALTA-NOS: _____

We are lacking: _____

ENVIAMOS EM PERMUTA: _____

We are sending in exchange: _____

DATA: _____

Date: _____

ASSINATURA: _____

**A NÃO DEVOLUÇÃO DESTES IMPLICARÁ NA SUSPENSÃO
DA REMESSA.**

**Non-acknowledgment of receipt will indicate that
further publications are not wanted.**

À
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - IFCH
SETOR DE PUBLICAÇÕES
Cidade Universitária "Zeferino Vaz"
Caixa Postal 6.110
13.081 - Campinas - São Paulo - Brasil

Tel.: (0192) 39.8342
Telex (019) 1150 - Telefax (0192) 39.3327
Correio eletrônico: pubifch@ccvax.unicamp.ansp.br